

ASSASSINATO

Jovem desaparece após viajar para Lençóis

Sem respostas, mãe criou ONG para ajudar na procura da filha

Viúva, a professora aposentada Josenilda Ribeiro Lima, 62 anos, procurou pela única filha praticamente sozinha. Durante uma longa conversa em sua residência, no bairro do Rio Vermelho, ela me falou sobre sua angústia ao procurar a filha Simone Lima Pinho, 26, encontrada morta depois de ser violentada por um assassino em série - serial killer. No apartamento pequeno, Josenilda ainda guarda as fotos, roupas e os pertences da filha. "Venha conhecer o quarto da Simone", me chamou pra conhecê-lo antes mesmo de começarmos a conversar.

O caso ocorreu em 2000. No dia 16 de junho, Simone foi passar as festas juninas na cidade de Lençóis, a cerca de 415 quilômetros de Salvador. Porém, a jovem não retornou no dia 28 do mesmo mês, como previsto. Josenilda conta que desde que a filha viajou não teve mais notícias dela. "Ela não ligou quando chegou e nem deu nenhuma notícia. Os dias se passaram e nada dela retornar. Foi quando o desespero bateu e comecei a procurar por minha filha".

Josenilda disse que não obteve nenhuma ajuda das autoridades, por isso resolveu procurar nos meios de comunicação. Ela fez uma entrevista para o Bahia Meio Dia, quando o quadro Desaparecidos ainda não existia. "Larguei o trabalho, larguei tudo e comecei a procurar minha filha nos programas de televisão. Era a minha última esperança de um dia encontrar a Simone". Ela foi até São Paulo para participar de um programa na rede Bandeirantes. "O pessoal da ONG Protetora de Mães do Brasil assistiu minha entrevista e me disse que precisava de pessoas como eu. Quando voltei de São Paulo, voltei como vice-presidente da ONG". Ela diz que não tinha autonomia para resolver assuntos aqui na Bahia, por isso decidiu deixar a ONG paulista e criar a sua, com o nome de ONG Simone Pinho.

Fundada em 2001, a ONG funcionava com ajuda de voluntários e durou quase oito anos. "Não continuei com a ONG porque não tinha condições de mantê-la com meu salário de professora", expli-



Simone Pinho foi violentada e morta por um assassino em série



Josenilda procurou filha durante cinco anos no quadro Desaparecidos

ca Josenilda. No mesmo ano, surgiu o quadro Desaparecidos. "Todas as quartas-feiras, eu ia pra ONG, que ficava na avenida Sete de Setembro, e participava do quadro à procura de Simone", lembra Josenilda, ressaltando que a ONG ajudou a encontrar 700 pessoas.

Em 2005, assistindo o programa Fantástico, da Rede Globo, Josenilda viu uma reportagem sobre o serial killer José Vicente Matias, conhecido como Corumbá, que já tinha violentado e assassinado seis mulheres no país. Entre as vítimas, uma no estado da Bahia.



Tem mãe que fica em casa esperando o filho aparecer. Não fiquei parada nenhum segundo. Acho que as mães devem procurar por seus filhos



A televisão era a minha última esperança de um dia encontrar minha filha

Josenilda Pinho,
professora aposentada

"Quem tem uma pessoa desaparecida tem que ficar atenta a tudo que passa na televisão. Fui à delegacia para falar sobre o caso e graças a Deus tinha chegado um novo delegado que me ajudou muito", disse Josenilda. Pergunto se imaginava que sua filha poderia ser a vítima do serial killer. "Me passava tudo pela cabeça. Mas uma mãe sempre tem esperanças em encontrar sua filha viva", me respondeu.

Segundo Josenilda, assim que ela retornou à delegacia, o delegado Walter Seixas a informou que a cidade onde o Corumbá matara uma menina era Lençóis. "Na hora, me bateu o desespero, mas ainda tinha esperanças de que poderia ser outra menina e não a minha filha. Pegamos uma foto da Simone e mandamos para São Luís do Maranhão, onde ele estava preso". Josenilda faz uma pausa e prossegue: "Me da um nó na gargan-

ta quando lembro dessa história. O delegado me chamou na sala dele e me disse que Corumbá reconheceu Simone, disse que foi ela a jovem que ele matou na Bahia", lembrou.

Depois da confirmação de Corumbá a dificuldade era encontrar o corpo da filha. "Começamos então a perguntar ao assassino onde ele a enterrou. Corumbá chegou a mandar mapas pra gente aqui, mas não conseguimos encontrar nada". Depois de várias tentativas sem sucesso, a polícia chegou a conclusão de que não poderia encontrar o corpo da jovem sem a ajuda do assassino que foi trazido a Salvador para ajudar na procura. Quando Corumbá chegou a Lençóis, Josenilda conta que o acompanhou, junto com agentes policiais, até a cova da filha. "Ele não errou um passo. Chegou ao local e disse que era lá que Simone estava enterrada". Pergunto se o que ela sentiu quando estava frente a frente com o assassino da sua única filha.

"Na hora acontecia uma coisa incrível. Parecia que Simone estava lá, me dizendo para perdoar aquela criatura. Teve um momento que ele sentou em uma pedra. Eu me aproximei dele e disse: 'você sabe quem eu sou?'. Ele balançou a cabeça em tom afirmativo e eu disse: 'você tirou a pessoa que eu mais amava na vida. Mas de coração, eu peço a Deus para que ele te perdoe. Ele não me disse nada, apenas uma lágrima caiu de seu rosto'. Depois de pegar os ossos da filha, Josenilda conta que colocaram o aparelho dentário que Simone usava e confirmaram que era mesmo o corpo da jovem. "Os investigadores me disseram que eu só faria o exame de DNA se quisesse, por que era mesmo o corpo da minha filha".

Em 2006, Josenilda conseguiu enterrar a filha. "Tem mãe que fica em casa esperando o filho aparecer. Não fiquei parada nenhum segundo. Acho que as mães devem procurar por seus filhos". Em 2010, Josenilda resolveu contar sua história no livro "Na Trilha da Esperança". "Fiz o livro para relatar tudo que passei". Em dez de julho de 2013, o Governo da Bahia sancionou a LEI Ns 12.832, que institui o Cadastro de Pessoas Desaparecidas do Estado da Bahia. A lei foi batizada de Lei Simone Pinho.